

O ADVENTO DO ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL: NOVOS DESAFIOS AO TRABALHO DOCENTE

Sergio Antunes Almeida *

Simone Wolff **

I. Introdução

Um dos elementos mais destacados na sociedade contemporânea é a crescente presença da tecnologia, que vem acompanhada de uma perspectiva que a apresenta como um meio para uma vida mais fácil, de comunicação com o mundo, de aumento da produtividade do trabalho, entre outros tantos avanços.

No entanto, as inovações tecnológicas que tornaram o trabalho em alguns aspectos menos penoso também possibilitaram grandes alterações na relação sempre instável entre capital e trabalho. É certo que as grandes corporações privadas expandem e aprofundam seu domínio através da apropriação e difusão dessas inovações tecnológicas, frente ao fenômeno da internacionalização do capital, como estratégia para expandir suas formas de exploração econômica, política e cultural.

Nesse novo contexto, é possível relacionar diversos fatores como responsáveis pelas recentes transformações ocorridas nos processos de produção e trabalho. As diversas facetas da reestruturação produtiva em curso, tais como as novas tecnologias, novas formas de organização do trabalho, privatizações, terceirização, racionalização e enxugamento, dentre outras, são fatores responsáveis pelo novo paradigma que se apresenta nas relações de trabalho.

O Brasil também faz parte desse contexto. A busca por alcançar um crescimento satisfatório tem feito com que certas concepções sobre o desenvolvimento do país tenha se tornado natural. Elas parecem ser conclusões definitivas e não idéias e pressupostos que devem ser debatidos amplamente pelos setores.

Considerando-se que o país revela problemas como pobreza e falta de oportunidade para melhoria da qualidade de vida de vários setores da população, vislumbram-se fórmulas que vão se consolidando no imaginário social como vias de solução para as pessoas.

* Doutorando/CCHS/PPGEdu/UFMS - Bolsista Capes

**Docente/CCHL/DCS/Uel - Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP, Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Novas Tecnologias e Trabalho - GENTT

Dentre elas, está o entendimento de que a educação é a solução que viabilizará a elevação social; a única possibilidade para a maioria da população ter acesso a qualidade de vida.

Com base neste pressuposto, constata-se a “promessa” da superação da pobreza por meio do ingresso maciço da população jovem ao sistema de cursos superiores. Esta perspectiva aponta para um complexo quadro, pois tais objetivos só podem ser alcançados em meio a um conjunto de fatores, no qual a própria educação é uma parte importante.

Para “melhorar” a estatística educacional, o governo brasileiro tem “apostado” na Educação a Distância, oferecida principalmente por Instituições de Ensino (IES) privadas, como canal determinante para inserir parte da população com baixa escolaridade no mercado de trabalho, ao mesmo tempo, tenta colocar o Brasil no contexto produtivo mundial.

Ademais, paralelo ao processo de privatização do ensino, cresceu o emprego de tecnologias da informação e comunicação (TICs) nas atividades de ensino-aprendizagem, introduzindo importantes mudanças na prática docente, agora submetida ao processo capitalista de valorização. Transformações que estão sendo introduzidas, principalmente no âmbito do Ensino a Distância (EAD), uma vez que esta é uma modalidade mais afeita à introdução de novas tecnologias do que o ensino tradicional ou presencial.

Este estudo analisa a atividade do trabalhador docente, especificamente em uma de suas vertentes: o mercado da educação a distância alavancado pelas novas tecnologias da comunicação e informação (TIC's). O objetivo é verificar como as TIC's atuam sobre o processo e condições de trabalho docente tendo em vista que sua aplicação, aliada às novas formas de gerência e organização do trabalho, potencializam os mesmos fatores – simplificação, padronização, terceirização, racionalização, automação etc. – que levam à precarização do trabalho em outros setores da economia.

Para tanto, utilizaremos um recorte de nossa dissertação de mestrado e dados de pesquisa de doutorado (em andamento) realizados em instituições de ensino superior (IES) privadas, situadas em Londrina-Pr e Campo Grande-MS, aqui identificadas por Instituição Y e Z respectivamente.

A pesquisa está centrada na descrição das mudanças no processo de trabalho docente viabilizadas pela aplicação das TIC's e de novos paradigmas organizacionais nas instituições pesquisadas. Foram utilizados documentos e informativos públicos das empresas, bem como entrevistas com funcionários das áreas administrativas (Depto. Pessoal, secretarias de cursos, Depto. de Vestibular) e pedagógicas (coordenadores de curso, professores, tutores).

Com base nos dados levantados, estabeleceu-se um recorte mais preciso em torno das funções a serem pesquisadas quais sejam, a de Tutor a Distância (TD) e Professor a Distância (PD).

Ao TD são atribuídas as tarefas de mediação entre professor e alunos no momento da tele-aula, além de correção e atribuição de notas de trabalhos, provas, Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCCs) e orientações gerais aos alunos via meios eletrônicos. Ao PD cabe preparar e ministrar a tele-aula (com duração de 90 minutos ininterruptos).

A partir dessa delimitação, foram realizadas novas entrevistas com essas categorias de docentes visando a compreender o funcionamento dos seus respectivos processos de trabalho, bem como as suas percepções sobre tais inovações.

Antes de entrar na análise do caso propriamente dito, faz-se necessário apresentar alguns aspectos específicos do setor da educação na dinâmica do capitalismo globalizado, de modo a elucidar melhor a maneira como o nosso objeto se insere neste contexto.

II. Educação A Distância: Uma Nova “Solução de Produto” Para O Livre Mercado.

Em setembro de 2011, Petry (REVISTA VEJA, 2011), informa que a Pátria Investimentos, controladora da universidade Z anunciou a compra de 100% (510 milhões de reais) das cotas de um grupo educacional sediado na capital de São Paulo, o qual mantém 05 Instituições de Ensino Superior (IES) localizadas nos Estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. A aquisição refere-se a cerca de 55 mil alunos matriculados nas IES adquiridas que, somados aos estudantes da compradora perfazem um total de cerca de 350 mil alunos. Destes, 148 mil estão matriculados em EAD nas instituições.

Segundo o mesmo jornalista (REVISTA VEJA, 2011), em dezembro do mesmo ano a Kroton Educacional, empresa controlada pelo fundo americano Advent International Corporation anunciou a compra da universidade Y, por 1,3 bilhão de reais. Esta, considerada a maior instituição de ensino a distância do país, com cerca de 162 mil alunos, 146 mil deles em cursos de graduação não presenciais,.

Recentemente o então secretário de Educação a Distância do MEC, Carlos Eduardo Bielschowsky¹ (2008), denunciava uma série de irregularidades encontradas em várias instituições especializadas nesta modalidade de ensino. Instituições com infra-estrutura precária, sem credenciamento, ausência de coordenação, bibliotecas e laboratórios insuficientes e inadequados levaram o MEC a desativar quase 90% dos seus pólos.

¹Entrevista dada à Assessoria de Comunicação do MEC pelo Secretário de Educação a Distância, Carlos Eduardo Bielschowsky em 21/11/2008.

Essas ocorrências nos levam a aventar a hipótese de que o EAD, longe de representar um avanço na democratização do ensino de qualidade no país, pode, antes, evidenciar uma investida de setores capitalistas no sentido de abrir espaço para novas formas de exploração econômica frente ao fenômeno da globalização.

É sabido que a mundialização do capital foi uma resposta capitalista não só à crise econômica crônica engendrada pelo esgotamento do padrão de acumulação calcado na produção em massa – também conhecida como fordista, amplamente amparado no modelo do Estado-Providência – mas igualmente pela aguda crise social e conflitos trabalhistas que esse tipo de economia proporcionou (BIHR, 1998; HARVEY, 2005).

Foi essa dupla crise, sentida de forma mais incisiva a partir dos anos 1970, que motivou a implementação do projeto neoliberal nos países ocidentais por toda a década de 1990. Com vistas a sanar o problema através da corporativização e privatização de bens públicos, transformou em mercadoria formas culturais e históricas de criatividade intelectual num processo de “acumulação por espoliação” em larga escala (HARVEY, 2005).

De acordo com Harvey (2005), a “acumulação por espoliação” é um processo estrutural do capitalismo desde a sua constituição e está diretamente vinculado à sua recorrente necessidade de buscar novos mercados de trabalho e consumo para dar conta de suas crises de sobreacumulação.

Para além do problema do subconsumo gerado pela tendência de desvalorização e substituição da força de trabalho por novas tecnologias, a crise de sobreacumulação advém da “falta de oportunidades de investimentos lucrativos” (HARVEY, 2005:116). Nesta conjuntura, a busca de força de trabalho e insumos baratos torna-se muito mais fundamental do que a expansão da demanda efetiva. Em vista disso, o capital necessita permanentemente “buscar soluções externas a si” a partir de uma “dialética interior-exterior” (HARVEY, 2005:118), que também pode ser traduzida nas relações econômicas entre países centrais e periféricos.

Posto que o grande problema da sobreacumulação é encontrar meios de escoar lucrativamente excedentes de capital, recorre-se à “acumulação por espoliação” como forma de liberar e, por conseguinte, baratear todo um conjunto de ativos, inclusive força de trabalho, sobre os quais novos investimentos poderão ser aplicados.

Para Harvey (2003), esse processo não está apenas na origem do capitalismo, mas faz parte da própria natureza deste modo de produção, funcionando como um motor fundamental de acumulação, sobretudo em períodos de crise de sobreacumulação.

Conforme o autor, o projeto neoliberal e a onda de privatizações que veio na esteira de toda a sorte de recursos naturais, matérias-primas e infra-estruturas que assolou o mundo ocidental na década de 1990 é a última manifestação da acumulação por espoliação, uma vez que abriu “amplios campos a ser apropriados

pelo capital sobreacumulado” (HARVEY, 2005:124). Há que se destacar o suporte dos Estados nacionais como decisivo para o favorecimento e legitimação desta espoliação/privatização.

A acumulação por espoliação, por sua vez, vem associada a novas estratégias capitalistas de modo a se precaver e responder às insurgências de movimentos trabalhistas locais que sempre vêm a reboque desse processo. Estas respostas são igualmente estruturais e articuladas e tendem a se acirrar em períodos de crise econômica. Silver (2005), identifica quatro padrões de resposta na busca da solução para o recorrente conflito capital-trabalho.

Apesar de complementares, duas delas estão mais diretamente relacionadas à acumulação por espoliação. São elas:

1) “solução espacial”, isto é, a relocação da produção para regiões com força de trabalho e matérias-primas baratas (a qual pode ocorrer tanto em nível internacional como dentro de um mesmo país);

2) “solução financeira” que visa, por meio da transferência do capital da produção para o capital especulativo, dar conta da crise de sobreacumulação através da criação de novas oportunidades de investimentos (sobretudo, de bens de capital e de novos recursos produtivos).

Ambas as soluções exigem um contínuo movimento de abertura de novos mercados periféricos para o aporte do capital excedente advindo dos países e/ou regiões tecnologicamente avançadas.

As outras duas soluções são uma resposta particularmente interessante à crise social que, como vimos, acompanha toda crise econômica, e se combinam no sentido de arrefecer e fugir de conquistas e movimentos trabalhistas consolidados. São elas:

3) “solução tecnológica/organizacional”, ou seja, uma reestruturação produtiva que, pela introdução de novas tecnologias poupadoras de força de trabalho e inovações organizacionais, possibilitam fragmentar e dispersar a produção e, portanto, enfraquecer velhos e novos direitos trabalhistas (a flexibilização da legislação trabalhista, as terceirizações, sub-contratações, os contratos temporários são os exemplos mais evidentes desse tipo de solução hoje em dia);

4) “solução de produto”, isto é, a industrialização de novos ramos e produtos que compense a perda de lucratividade causada pela dita crise de sobreacumulação, tanto mais agravada pelo enxugamento decorrente dos processos de reestruturação.

Com efeito, entendemos que o projeto neoliberal restabeleceu essas quatro soluções em um novo patamar a partir da crise engendrada pelo padrão de acumulação fordista, embasado na integração vertical da produção, e a política-econômica previdenciária que o sustentou.

Ora, considerando que o capitalismo contemporâneo depende cada vez

mais do trabalho intelectual, tendo em vista as novas qualificações requeridas a partir da “solução tecnológica/organizacional” (reestruturação produtiva), o conhecimento passa a se configurar como uma matéria-prima fundamental aos processos produtivos (SILVER, 2005; WOLFF, 2005; BERNARDO, 2004).

Com isto, a educação tornou-se um alvo do livre mercado, assinalando-se como uma nova “solução de produto”. Como vimos, isto passa necessariamente por sua espoliação, leia-se privatização, assim como por um conjunto de reformas no âmbito do sistema de ensino público que acompanhem um novo modelo de educação industrializada, isto é, baseado na lógica privatista da lucratividade.

De acordo com Silver (2005:116), neste contexto:

[...] a educação de massa surge como uma das “indústrias de bens de capital” mais importantes do século XXI – em parte como produtora de “conhecimento” e, de maneira mais relevante, como produtora de trabalhadores com a qualificação necessária para essa nova forma de acumulação de capital, que depende muito do conhecimento.

Ainda segundo essa autora, historicamente os professores sempre tiveram maior poder de barganha face ao mercado de trabalho uma vez que, comparativamente aos operários das indústrias tradicionais, suas atividades são mais refratárias às soluções acima apontadas; particularmente no que diz respeito às soluções tecnológica/organizacional e espacial.

No que concerne à incorporação de tecnologias avançadas, o processo de trabalho docente sempre foi bastante conservador e mesmo artesanal, prevalecendo a lógica da especialização – determinada pelo conhecimento profundo de um dado campo do saber –, sobre a da qualificação – referida às funções da maquinaria com ampla divisão técnica do trabalho, característica do trabalho industrial.

Por isso, via de regra, o aumento de produtividade e “as pressões por cortes de custos se manifestam sob a forma de intensificação da carga de trabalho, seja em termos de maiores jornadas ou do aumento do número de alunos” (SILVER, 2005:119). Ademais, obstáculos culturais e de língua e a necessidade de “estar próximo à matéria-prima – os alunos” (SILVER, 2005:120) também foram historicamente fatores bastante impeditivos para a realocação geográfica como solução aos conflitos e movimentos históricos provenientes dessa categoria de trabalhadores.

Não obstante, é justamente esse caráter conservador que torna o setor da educação bastante atrativo à “solução de produto”, uma vez que menos sujeito à competição de mercado e, pois, a sublevações trabalhistas. Nos termos desse tipo de solução, a educação passa a ser concebida e transformada em uma nova mercadoria (na forma de serviço) que, vendida no mercado, é passível de gerar lucro aos proprietários da instituição.

Ora, isto supõe a espoliação/privatização de um setor que até então passava ao largo da acumulação direta de capital. É nesse sentido que, na perspectiva do trabalho docente:

As pressões atuais por reformas na educação podem ser vistas, em parte, como um esforço para se encontrar maneiras alternativas de fazer pressão competitiva sobre os professores. [...] com o desmantelamento do ensino público, facilitando o deslocamento dos alunos para outras escolas. A alocação de recursos para as escolas, segundo critérios de desempenho, faz com que escolas/professores entrem em competição entre si até por recursos minimamente necessários para tornar seu trabalho tolerável. Privatização por um lado, e controle comunitário, por outro, são reformas que eliminam o objeto singular, grande e visível do Estado empregador. Todas essas reformas são meios de se mobilizar as pressões do mercado contra os professores (SILVER, 2005:120).

A espoliação e transformação da educação em uma nova “solução de produto” requer, por seu turno, a implementação da “solução tecnológica/organizacional” nos seus processos de modo a adequar o seu “produto final” – o ensino, aos preceitos da “acumulação por espoliação”. Em outras palavras, requer a mercadorização/industrialização da Educação, o que passa pela aplicação de novas tecnologias nos seus *modus operandi*, assombrando suas atividades com o fantasma da automação tal como o faz com os operários da indústria, deixando o trabalhador docente igualmente vulnerável ao desemprego e à proletarização e possibilitando, assim, aplacar eventuais comoções classistas decorrentes desse novo quadro.

Aqui, as TIC's se revelam particularmente interessantes pela dupla faceta que incorporam: a automatização e a informatização. A primeira dá continuidade aos propósitos contidos na maquinaria desde a primeira Revolução Industrial, ou seja: simplificação e substituição do trabalho vivo pela expropriação do saber-fazer do trabalhador.

Já a segunda, a informatização, traz a grande novidade do software, que possibilita que esse conhecimento seja expropriado durante o processo produtivo em grande medida sem a mediação da ciência, ao mesmo tempo em que agrega uma propriedade organizacional, dada pela conectividade das redes e seus sistemas informatizados de gestão da produção (WOLFF, 2004).

A possibilidade de expropriar o conhecimento do trabalhador vem ao encontro da “solução de produto”, própria da presente fase do capitalismo, uma vez que permite proceder a rápidas inovações nos processos e produtos de forma flexível e com a mesma base tecnológica, portanto, sem grandes custos com capital fixo. Daí a necessidade de um novo modo de gestão do trabalho, baseado na chamada “administração participativa” em que todos os níveis da organização são entendidos como “colaboradores”, (a instituição Z denomina os professores

tutores como “colaboradores”), passíveis de alimentar o novo maquinário com “sugestões” pertinentes para a melhoria da produtividade.

Na mesma instituição Z constatou-se o uso dessa estratégia conforme explica um professor tutor (W.N): “constantemente somos desafiados a dar informações através de planilhas. O que fazemos, quantas provas corrigimos, qual o tempo que se leva para determinadas atividades”.

Neste caso essas ideias foram transferidas para incrementar os softwares da empresa, permitindo não só a otimização da produtividade, mas também a automação e a substituição de várias atividades do professor tutor pela maquinaria. Se nosso pressuposto estiver correto e conforme informa o professor tutor (C.S), essa estratégia ocasionou em cerca de “102 demissões” entre coordenadores, professores a distancia e professores tutores na instituição Z em 13/07/2012.

O escopo basilar da gestão participativa é introduzir uma qualificação de cunho generalista. Também conhecido pelo termo “competência”, o principal propósito desse tipo de qualificação é quebrar antigas hierarquias e introduzir uma cultura colaborativa visando garantir o envolvimento e engajamento dos trabalhadores em conformidade com o novo padrão de produtividade e competitividade assinalado pela globalização neoliberal e a sua principal ferramenta: a informatização da produção (WOLFF, 2005).

No setor da Educação, esses novos parâmetros se refletem no binômio “Qualidade Total e Educação”, difundido no país, sobretudo na década de 1990, o qual introduziu uma perspectiva privatista neste campo de atividade de acordo com a política-econômica do período.

De acordo com Gentili (1995:209):

Na esfera educativa, a idéia da “excelência” mobiliza a competitividade entre as instituições, entre os alunos e os docentes. Não raramente, ela vem seguida de uma ênfase exacerbada na medição, nos critérios padronizados para averiguação dos êxitos cognitivos dos alunos e da produção docente, sugerindo que o simples ordenamento hierárquico diagnostica e melhora por si mesmo a situação educacional. Além disto, a padronização permite localizar, na massa dos sujeitos individualizados (professores ou alunos), aqueles que são mais dotados, com o objetivo de colocar à sua disposição os melhores recursos.

As instituições pesquisadas procuram adequar o processo de trabalho docente sob as novas tecnologias no EAD, no sentido de, dentre outros, “qualificar” os trabalhadores docentes às novas tecnologias, potencializando num novo tipo de expropriação do trabalho vivo pelo capital em consonância com o atual cenário político-econômico.

Para esse processo, além das TIC’s, as instituições recorreram aos novos parâmetros gerenciais inspirados na Gestão para a Qualidade Total e administração

participativa, nos mesmos moldes adotados no processo de reestruturação produtiva das grandes empresas engendrada pela disseminação das políticas neoliberais.

É nesse sentido que ambas instituições se encontram num campo e situação oportunos para a análise das novas configurações das relações entre capital e trabalho no setor educacional, particularmente no que concerne à análise dos efeitos relativos à introdução de novas tecnologias no processo de trabalho docente.

III. O Processo de Trabalho Docente Sob o Ead.

No sistema EAD das Instituição Y e Z, os alunos matriculados recebem aulas ao vivo, via satélite, por intermédio de computadores instalados na instituição, que permitem a interatividade com o professor. Um telão ou aparelho televisor apresenta o conteúdo ao vivo – ou seja, o professor dando a aula em tempo real –, sendo o computador utilizado para a comunicação com o PD, mediante o auxílio presencial de um Tutor Local. Além da aula expositiva, o PD pode recorrer a trechos de filmes, slides, fotografias, arquivos de texto e qualquer outra mídia necessária ao seu conteúdo.

A mesma aula pode ser assistida por um número ilimitado de estudantes, tanto em tempo real como através de uma “biblioteca digital”, onde as aulas ficam armazenadas, para uso exclusivo dos alunos da Instituição, podendo ser acessadas a qualquer momento, desde que dentro do calendário escolar estabelecido pela Instituição.

Ora, essa possibilidade diminui significativamente a carga horária do professor em seu contrato de trabalho e acarreta na diminuição de seu salário pois, se tais aulas são retransmitidas dispensa-se a necessidade da presença do professor na instituição.

No processo de Ensino a Distância, as TIC's, utilizadas ao mesmo tempo como meio de automação e de produção, se apropriam e reproduzem, por meio de gravações do conteúdo ali instalado (aulas,) as funções docentes que, assim, passam a ser subordinadas ao manuseio do aparato tecnológico para a preparação de aulas.

Além do enxugamento acima mencionado, a consequência deste tipo de automação foi uma simplificação e desvalorização do trabalho vivo, no caso do trabalho docente²; o que remete a análise de Marx sobre os efeitos da aplicação capitalista da maquinaria nos processos produtivos:

²Nesse aspecto desde 2004 não houve nenhum reajuste no valor da aula dada, apesar do expressivo aumento do número de “clientes” (alunos).

Quando a máquina passa a manejar a ferramenta, o valor de troca da força de trabalho desaparece ao desvanecer seu valor de uso. O trabalhador é posto fora do mercado como o papel-moeda retirado da circulação. A parte da classe trabalhadora que a maquinaria transforma em população supérflua, não mais imediatamente necessária à auto-expansão do capital, segue uma das pontas de um dilema inarredável: ou sucumbe na luta desigual dos velhos ofícios e das antigas manufaturas contra a produção mecanizada, ou inunda todos os ramos industriais mais acessíveis, abarrotando o mercado de trabalho e fazendo o preço da força de trabalho cair abaixo do seu valor (MARX, 1985:492-493).

Na primeira fase de implementação do EAD na Instituição Y, os PDs foram bastante demandados para elaborar e concluir conteúdos. Foi o que também ocorreu na Instituição Z. Na segunda fase, porém, quando esses conteúdos foram selecionados e definidos como parâmetros para conceber os programas didáticos, tal demanda diminuiu significativamente dada a sua incorporação pelo sistema. O cabedal de habilidades docentes requeridas neste processo sofreu drástica redução, conforme relata o PD (C.S)

Nota-se, aqui, o “fenômeno da inversão da requalificação” que Freyssenet aponta como próprio da introdução do automatismo na produção (FREYSSINET, 1989:109). Se em um primeiro momento, novas qualificações passam a ser exigidas para lidar com o aparato tecnológico, no momento seguinte o trabalho vivo volta a ser simplificado,

Com efeito, em ambas as instituições, o professor é levado a buscar outras aptidões exigidas pelas novas tecnologias, deixando de lado outros aspectos de sua formação. O trabalho docente é redefinido em termos de qualificação/polivalência ditadas pelo manejo das TIC's nos moldes do trabalho operário, em detrimento do trabalho artesanal, de pesquisa e reflexão, próprio à elaboração de aulas. Sua especialização é, assim, preterida em favor de uma qualificação de cariz operário.

Em uma modalidade de ensino cujo principal alvo é a *quantidade* de alunos (“clientes”), tal padronização/simplificação das atividades docentes representa uma estratégia eficaz para ampliar o número de estudantes por professor. Conforme relata uma TD:

Nós padronizamos um modelo de correção de trabalho dos alunos. Assim o tutor a distancia que entra pode aprender rapidamente a corrigir os textos. Se não for assim, a gente não consegue vencer, porque são muitos alunos para cada tutor. Já tive uns 600 sob minha responsabilidade num semestre.(I.P)

Em vista disto, para os novos docentes inseridos nesse processo, a questão da *qualidade* do ensino, que corresponde diretamente à sua especialização, fica em

segundo plano. É isto que se depreende da fala de um PD recém-contratado:

A coordenadora pediu que eu assistisse à aula gravada da professora (demitida), e ver o conteúdo da aula dela. Vou verificar a postura, a comunicação e o conteúdo porque tenho que assumir estas aulas e este assunto [...] não é minha especialidade.(J.M)

A ênfase na quantidade em detrimento da especialização lembra aquilo que Coriat (1976) denomina como a chave do sistema taylorista: a expropriação do saber-fazer do trabalhador pela padronização dos procedimentos de trabalho.

Porém, agora em novas bases, isto é, não mais a partir da dimensão física das atividades produtivas - pela padronização dos tempos e movimentos tal como se deu nas origens do taylorismo - mas da capacidade de idealização, o que remete a uma taylorização/padronização das capacidades cognitivas do trabalho vivo.

No caso, a redução do saber complexo aos seus elementos simples mina aquilo que conferia autonomia sobre os procedimentos do trabalho docente, com graves consequências à sua criatividade. Justamente aquilo que, nos processos tradicionais, caracteriza a sua atividade, deixa de existir.

De resto, a simplificação/mecanização de seu processo de trabalho permite dispensar o trabalhador docente ou trocá-los à base de salários inferiores; o que é apresentado como um “incentivo” por um coordenador do EAD:

Estamos dando oportunidades a tutores a distancia para substituírem alguns professores a distancia nos cursos de Administração e Pedagogia. Isso vai incentivá-los a buscarem mais qualificação, pois terão um ganho a mais e ao mesmo tempo aproveitamos as “pratas da casa”, que já conhecem o sistema.

Embora frequentemente um modo operatório seja imposto ao TD e ao PD, o processo de expropriação do seu saber-fazer nunca se esgota completamente. Antes, retroalimenta continuamente certos parâmetros que escapam aos “idealizadores”³ e planejadores do trabalho, os quais têm relação com o seu saber tácito, que decorre de sua experiência concreta nascida do cotidiano particular de trabalho nos moldes tradicionais.

É assim que se otimizam os *softwares* do EAD nas Instituições, o que alude ao processo de reificação⁴ do trabalho vivo pela prevalência do trabalho

³A rotina de aula e de outras atividades do trabalho docente é idealizada em conjunto por coordenadores de cursos e coordenadores da área de informática da instituição.

⁴O termo “reificação” remete à inversão entre o sujeito da produção e os instrumentos de trabalho, assinalada pela introdução da maquinaria no processo produtivo, prevalecendo assim o trabalho morto (máquinas) sobre o trabalho vivo. Originada no quadro da primeira Revolução Industrial, esta inversão diz respeito à conversão do trabalho vivo em mero mediador das máquinas que, assim, passaram a intervir como as reais depositárias da complexidade das atividades produtivas e, por conseguinte, a ditar o *modus operandi* dos processos de trabalho. Ao converter o trabalho vivo em mais um fator (coisa) de produção,

morto descrito por Marx ([1966]) no Capítulo VI. As aulas que o professor recém contratado encontrou gravadas e embutidas nos sistema de informação da Instituição Y, isto é, o trabalho morto, são os saberes tácitos, reificados, dos docentes que o antecederam.

É importante ressaltar que tal reificação é ensejada, em grande medida, pela mediação da gestão participativa e seu discurso da “colaboração” com a gerência. Wolff (2005) analisa como a informatização dos processos de trabalho aplicada sob os princípios toyotistas, dos quais decorre a gestão participativa concorre, para a reificação da criatividade do trabalhador:

Sob o arrimo dos dois pilares mestres de tal reestruturação: a informatização da produção e as novas formas de organização do trabalho, ambas amplamente baseadas nos preceitos da Qualidade Total, os trabalhadores são constrangidos a pensar para o capital. Logo, segundo a lógica daqueles que os exploram (WOLFF, 2005:78).

Nesse mesmo sentido, Bianchetti (2001:161) afirma que, apesar de paradoxal, posto que padronização e flexibilidade são termos contraditórios, “o objetivo de padronizar produtos e serviços está no âmago das propostas de reestruturação de qualquer empresa em busca da Qualidade Total”. Para os trabalhadores envolvidos nesse processo, esse paradoxo se traduz da seguinte maneira:

se não explicitam seu saberes, objetivando-os em criações, não são contratados ou são dispensados/demitidos; se os explicitam, serão expropriados em seus saberes e nas condições humanas materiais de produção da sua existência (BIANCHETTI, 2001:189).

O autor refere-se a este quadro como “neobravermaniano”, ou seja, onde as novas formas de organização do trabalho estão mescladas aos velhos padrões tayloristas para aperfeiçoar as potencialidades das TIC’s, deixando aos trabalhadores-operadores a discrepante tarefa de cumprirem “funções prescritas, que são saberes tácitos objetivados em *softwares*” e “dar respostas singulares frente a eventos imprevistos” (BIANCHETTI, 2001:195).

No trabalho docente, há casos de respostas criativas ante as eventuais novas dúvidas colocadas pelos alunos sobre o conhecimento fixado nas mídias em que se veiculam os cursos das instituições. Vejamos, pois, como este paradoxo se reflete na percepção dos trabalhadores docentes do caso investigado.

inaugura-se uma nova concepção de qualificação em que os saberes operacionais passam a ser empregados tão-somente para amplificar as potencialidades postas na maquinaria, em detrimento do saber calcado em um desenvolvimento empírico autônomo.

IV. O Trabalhador Docente Frente às Novas Tecnologias

O primeiro aspecto a se tratar na discussão do trabalho docente sob as novas tecnologias é a relação do professor quando empregado como trabalho produtivo, isto é, para fins lucrativos.

De acordo com Marx (1985:275), “serviço é nada mais que o efeito útil de um valor de uso, seja na mercadoria seja do trabalho”. Quando se paga por um serviço com a finalidade de voltar a vendê-lo por um preço maior do que aquele pelo qual ele foi comprado, ele se torna uma mercadoria e, enquanto tal, pode gerar lucro para quem o vende.

Este é o objetivo maior das Instituições Y e Z, como instituições privadas, quando compram/pagam pela atividade docente para vendê-la aos alunos/clientes nelas matriculados.

Nos estabelecimentos de ensino, por exemplo, os professores, para o empresário do estabelecimento podem ser meros assalariados; há grande número de tais fábricas de ensino na Inglaterra. Embora eles não sejam trabalhadores produtivos em relação aos alunos, assumem essa qualidade perante o empresário. Este permuta seu capital pela força de trabalho deles e se enriquece por meio desse processo. O mesmo se aplica às empresas de teatro, estabelecimentos de diversão etc. O ator se relaciona com o público na qualidade de artista, mas perante o empresário é trabalhador produtivo. Todas essas manifestações da produção capitalista nesse domínio, comparadas com o conjunto dessa produção, são tão insignificantes que podem ficar de todo despercebidas. (MARX, 1985:13).

Viu-se que, nas Instituições, as TIC's são aplicadas de forma a incorporar os conhecimentos tácitos dos trabalhadores aos seus *softwares* didáticos. A racionalização do trabalho que ocorre nesse processo simplifica e, por conseguinte, aumenta a produtividade do trabalho docente ao viabilizar o aumento do número de alunos/clientes por professor em escala sem precedentes. A função do professor, neste caso, é a de encenar e decorar um texto pronto.

Com isto, a “habilidade” mais requerida do PD na modalidade EAD acaba sendo a sua capacidade de comunicação frente às câmeras. Prevalece o “animador” sobre o docente. Como relata o professor a distancia entrevistado:

Grande parte do trabalho é a tarefa de se adaptar ao mecanismo tecnológico, atuar diante das câmeras e observar rigorosamente o tempo de cada assunto abordado. A margem do que pode ser alterado no processo de trabalho também é restrita.(I.P)

Quanto ao TD, um dos requisitos fundamentais para a sua contratação é a habilidade no uso da tecnologia como forma de mediar e sanar as dúvidas dos alunos e contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de rotinas de trabalho postas no sistema.

Desse modo, tanto a dimensão midiática como a automatização proporcionadas pelas TIC's colocam a necessidade de um novo modelo de professor, flexível e polivalente e "qualificado" para o seu manejo.

É justamente esta demanda por habilidades adaptativas e comportamentais que requer padrões mais flexíveis (toyotistas) de organização do trabalho. A administração participativa contempla uma qualificação de selo generalista com vistas a estimular nos trabalhadores a "colaboração" com a gerência através de atitudes comportamentais.

Para tanto, os requisitos são: trabalho em equipe, capacidade de enfrentar mudanças permanentes, rapidez de respostas e criatividade diante de situações de pressão e imprevistas, além de comunicação clara, interpretação, análise, síntese e uso de diferentes formas de linguagem. É uma polivalência altamente demandada pelas mídias próprias ao EAD. A figura do trabalhador polivalente já aparecia na clássica análise da maquinaria sob a grande indústria realizada por Marx (1984:89):

A indústria moderna nunca encara nem trata a forma existente de um processo de produção como definitiva. [...] Por meio da maquinaria [...] ela revoluciona de forma contínua, com a base técnica de produção, as funções dos trabalhadores e as combinações sociais do processo de produção. [...] A natureza da grande indústria condiciona, portanto, variação do trabalho, fluidez da função, mobilidade, em todos os sentidos, do trabalhador.

Esta qualificação fluida é o efeito direto da prevalência das máquinas (trabalho morto) sobre o trabalho vivo pela cristalização de seus antigos saberes na tecnologia. Destarte, longe desta polivalência significar um enriquecimento das atividades produtivas, representou o meio mais eficaz de se privatizar estas habilidades para fins de lucratividade. Esta prevalência representou uma revolução relativamente à base técnica anterior, manufatureira, onde o ofício (trabalho especializado), embora parcelado, ainda predominava. Por conseguinte, o processo de produção ainda dependia fundamentalmente das virtuosidades do trabalho vivo, o que deixava os capitalistas vulneráveis a insubordinações (MARX, 1984).

Assim como na manufatura, no trabalho docente tradicional a especialização advém de um conteúdo adquirido e (academicamente) comprovado. Esse conhecimento lhe confere autonomia sobre os elementos que compõem os seus processos de trabalho (pesquisa, didática, materiais de ensino etc.).

Ressalte-se que é uma autonomia bem maior do que aquela encontrada na manufatura clássica, isto é, de transformação da matéria, posto que é um tipo

de trabalho em que a gerência não possui legitimidade para exercer a função de controle direto sobre o seu *modus operandi*.

Tendo em vista que o EAD é uma modalidade de ensino recente, as técnicas desenvolvidas em sala de aula através de experiências no ensino tradicional ainda são amplamente desconhecidas pelos coordenadores e gerentes de sistemas; portanto, quando ainda se dava longe da “gerência”.

Nas Instituições Y e Z, os professores não receberam nenhuma espécie de treinamento para exercerem o trabalho. Assim, cada um à sua maneira, desenvolveu métodos de trabalhos próprios, sem que a coordenação pudesse interferir nesse processo. Conforme depoimento de um professor que atua há três anos no sistema:

No começo eu não tinha noção de tempo e nem familiaridade com o sistema. Aos poucos fui pegando meu jeito de trabalhar e abandonei o modelo. Agora, eu mesmo vejo e controlo a aula que vou dar. (S.U)

É interessante notar que, com o crescente domínio do sistema pelos docentes, desenvolvem-se também novos tipos de resistência como forma de burlar a “fiscalização” dos seus trabalhos pela gerência; dado que este tipo de controle é estranho na docência tradicional e na medida em que o EAD supõe uma maior distância entre o professor e o seu trabalho, o que dificulta tanto mais o seu gerenciamento. Como nos relata um dos professores da instituição Y:

Com relação à aula-atividade⁵ a coordenação determina que a gente permaneça o tempo todo no *Chat* respondendo às questões dos alunos. A atividade pode ser mediada pelo tutor de sala, então não é necessário que eu perca meu tempo na frente do computador sem fazer nada, ou respondendo uma ou outra questão que pode ser respondida pelo tutor de sala.

Desse modo, na Instituição Y, as novas tecnologias igualmente servem como uma forma de controlar o docente e evitar este tipo de macete. É o que se depreende da fala de uma coordenadora:

Estamos sabendo de um professor que não estava presente na instituição na hora da aula-atividade. Não é permitido participar da aula-atividade em casa. Sabemos disso porque o sistema rastreou o computador desse professor e da próxima vez quem fizer isso, levará uma advertência por escrito.

Conforme Marx (1985:44), a principal dificuldade na fábrica automática consiste em sua “disciplina necessária, em fazer os seres humanos renunciar a seus hábitos irregulares no trabalho e se identificar com a invariável regularidade do

⁵Aula-atividade é realizada via “chat” entre aluno/tutor eletrônico/professor em momento diferente da tele-aula.

grande autômato. "O que indica que somente a maquinaria não é suficiente para controlar os trabalhadores, sendo necessário o auxílio da gerência.

O depoimento de uma TD sobre a tentativa de controle do seu trabalho em domicílio reflete o estranhamento decorrente desta injunção percebido na sua resistência em se adequar a esta nova modalidade de ensino:

Sei que o sistema pode fiscalizar se o meu computador esteve conectado durante o meu período de trabalho. Eu entro no sistema, coloco minha senha e entro no portfólio. Abro algum trabalho enviado por alunos e deixo aberto. Aí eu vou fazer as minhas coisas, limpar minha casa, cuidar do meu filho, isso quando estou trabalhando em casa.

Nesse sentido, o discurso da administração participativa contribui amplamente para amenizar este tipo de conduta, como pode-se inferir de um aviso colocado no fórum de discussões da Instituição Y:

Conforme sugestão e orientação da Professora [...], para discussão de elaboração do Manual, deveria ser realizado um esboço para que os demais tutores possam contribuir com sugestões, alterações para que venham agregar valores para esse manual.

Segue anexo o material inicial, o texto está em Word para que possam fazer as alterações que desejarem.

Quero registrar meus agradecimentos ao aluno [...] que me forneceu o material para esse trabalho.

Abraços e boa semana a todos.

Verifica-se, aqui, a tentativa de se proceder a um envolvimento participativo do TD, e também do próprio aluno, de modo a incorporar os seus conhecimentos no sistema pela mediação da gerência. Dessa forma, é possível pesquisar formas mais eficientes de realizar determinadas tarefas que são conseguidas nos fóruns de discussões abertos para esse fim. Com base nisso, estabelecem-se metas de produtividade, distribuindo número de alunos para cada TD e a velocidade do trabalho, estipulando prazos para seu cumprimento.

Em contrapartida, os docentes aos poucos se transformam em meros executores de uma tarefa anteriormente pensada pelo "gerente" (coordenação), o que reitera, mais uma vez, o "fenômeno da inversão da requalificação" apontado por Freyssenet (1989).

Assim, apesar de existirem diferenças conceituais entre fordismo/taylorismo e toytismo, estes se mesclam e se complementam nas Instituições Y e Z, como forma de aumentar a produtividade do trabalho docente via uma crescente racionalização do seu processo de trabalho.

Braverman (1987) já havia indicado a tendência do taylorismo em se difundir

para além das indústrias e proporcionar uma eficiente maneira de aumentar o controle e produtividade nas tarefas do escritório e serviços. Este estudo revela que, devidamente atualizado pela gerência participativa, a administração metódica do trabalho também pode ser eficaz no serviço de EAD.

Como consequência, no âmbito de uma IES privada, o processo pedagógico em educação a distância, reestruturado pelas TIC's, torna-se condição para as seguintes características emergirem: organização, formalização, padronização e adoção de métodos racionais, tanto dos cursos como do trabalho preparatório das aulas, por parte do setor de planejamento, o que incorre em uma dependência do trabalho docente que, assim, passa a ficar cada vez mais dependente de uma administração centralizada com a conseqüente mudança de função e (des) especialização dos professores envolvidos.

Cabe, portanto, perguntar como o paradoxo anteriormente demonstrado, relativo à redução da faculdade de pensar própria do conteúdo do trabalho docente, incide sobre a qualidade de ensino na modalidade EAD.

V. Considerações Finais

O objetivo do presente estudo, definido na sua introdução, foi analisar o trabalho docente nas aqui designada Universidades Y e Z à luz das transformações operadas pelo capitalismo contemporâneo, promovidas pelas políticas neoliberais, tendo como problema central a investigação da aplicação das TIC's na modalidade de Ensino a Distância.

Percebemos que, apropriadas por investidores privados e praticamente sem fronteiras, as tecnologias de EAD favorecem a expansão do capital pela via da "acumulação por espoliação", ampliando seu alcance e acelerando substancialmente sua reprodução também na esfera da educação.

Nesse processo, considerando a constante evolução nas instituições estudadas, nota-se a tendência à concretização da flexibilização da produção e das relações de trabalho, em que se destaca a busca da redução dos custos de produção por meio da implementação de novas tecnologias. Esse panorama levou à adoção de uma "solução tecnológica-organizacional" que, para além do aumento da produtividade, viabilizou o corte de custos por meio da precarização das relações de trabalho, tais como a subcontratação de professores, a intensificação do trabalho, a desvinculação do pagamento da aula do respectivo contrato de trabalho.

Além disso, os planejadores instituíram que as aulas sejam gravadas e disponibilizadas para acesso dos alunos a qualquer tempo, sem que o professor tenha direitos sobre ela.

É assim que, em meados da década de 1990, diante da conjuntura de privatização, da reforma na Educação e da conseqüente competitividade que se

impôs no país, a universidade Y e, posteriormente, a universidade Z optaram por se adequar aos novos padrões de exploração da força de trabalho instaurados pelo atual processo de reestruturação produtiva, que marca as instituições privadas contemporâneas.

Essas práticas incrementaram a lucratividade e levaram à sua expansão, devido à natureza flexível e à facilidade de interação com o processo de produção capitalista, como se pode ver pelas terceirizações dos pólos nas diversas regiões do país.

Emprego assalariado e em tempo integral, pleno emprego e horas extras remuneradas são algumas expressões que floresceram em tempos de crescimento e que estão sumindo do nosso vocabulário. Essa tendência poderá levar o trabalho, no caso do TD e do PD, a cada vez mais tornar-se parte do processo de valorização do capital, ensejando sua proletarização, tendo em vista que a modalidade EAD não contribui para a criação de empregos, pelo contrário pode até atuar como fator de desaparecimento de postos disponíveis pela possibilidade de automação contida nas TICs.

Igualmente, foi mostrado que, dentre os principais riscos do trabalho na educação a distância virtual, pode ocorrer o isolamento social e trabalhista do docente, assim como a extensão da sua jornada de trabalho sem a contrapartida salarial, em virtude do trabalho domiciliar, recurso altamente utilizado nessa modalidade de ensino, e que acaba por enlear vida profissional com vida privada.

Além disso, o processo viabilizado pela maquinaria informática e pelos softwares da empresa, no qual ocorre a expropriação do trabalho vivo pelo e para o trabalho morto, deprecia o trabalho docente, o que pode ser visto pela proporção aluno/docente (cerca de 400 alunos para cada professor). Essa desproporção força a padronização e a simplificação nas atividades do professor, cujo saber é apropriado pelo sistema informatizado e disponibilizado para os novos contratados, agravando tanto mais uma condição proletária.

Os resultados da pesquisa, portanto, nos levaram a inferir que a dependência das IES frente ao sistema econômico mundial estimulou e acelerou a introdução de novos paradigmas gerenciais e tecnológicos, facultando a conversão do setor da Educação em uma nova “solução de produto”.

Por conseguinte, estão dadas as condições em que as práticas de racionalização do trabalho e consequente aumento da produtividade presentes no setor industrial, atualmente otimizadas pela aplicação das TIC's, estão cada vez mais sendo normalizadas neste novo segmento de mercado. Com isto, os professores são igualmente obrigados a se adequar à velocidade das transformações ocorridas em seu trabalho e impelidos a buscar as “qualificações” que o sistema tecnológico passa a exigir, em detrimento do seu poder de barganha mais tradicional: o saber especializado.

Nessa perspectiva, quando ocorre o esvaziamento do conteúdo da

atividade docente e há a inserção da lógica da qualificação, nota-se uma aproximação da dinâmica própria do trabalho operário (industrial), cujas funções são eminentemente determinadas pela maquinaria. Prevalece o trabalho morto sobre o trabalho vivo com sério comprometimento da relativa autonomia sobre a sua prática.

Contudo, em que pese todas as distorções e os limites apresentados no que se refere à sua oferta no âmbito de uma IES privada, é certo que as possibilidades educacionais que se abrem pelo EAD, para um país com dimensões continentais como o Brasil, são importantes, visto que em 70% dos municípios não há ensino superior.

Sem dúvida, o Ensino a Distância pode atender demandas reprimidas e potenciais de segmentos mais maduros profissionalmente, na medida em que viabilizam a superação de barreiras temporais e espaciais deste tipo de público-alvo.

Nesse sentido, o EAD se apresenta como um importante instrumento de intercâmbio e articulação de conhecimento e informações entre diferentes comunidades virtuais de aprendizagem, o que demonstra seu grande potencial pedagógico.

Ademais, no desenvolvimento destas novas metodologias de EAD, a utilização de estratégias e ações com base nos conceitos de interatividade e comunidades virtuais pode contribuir de forma decisiva para diminuir o índice de exclusão educacional existente no país.

Porém, no que se refere particularmente ao trabalho docente associado às novas tecnologias sob o interesse de investidores privados, conforme os dados apontados aqui e confirmados pela recente intervenção do MEC em grande parte das instituições que ofertam essa modalidade de ensino, o que se verifica é a expansão do mercado educativo, ampliando substancialmente o alcance da reprodução do capital também na esfera da educação, mediante a otimização das suas formas de exploração do trabalho vivo.

Nesse aspecto, cabe aos setores da educação do governo nacional desenvolver políticas de EAD contrárias aos efeitos nefastos dos interesses privados, que incidem diretamente sobre as condições do trabalho docente inserido neste tipo de atividade acadêmica.

Nesse processo, no qual há forte interesse pela lucratividade, configura-se a instauração da precariedade e conseqüente falta de qualidade o que, aliás, a citada avaliação do MEC só vem a confirmar.

Referências

- ANTUNES, R. (Org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- BIANCHETTI, L. *Da chave de fenda ao laptop: tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BERNARDO, J. *Democracia totalitária: teoria e prática da empresa soberana*. São Paulo: Cortez, 2004.
- BIELSCHOWSKY, C. E. 2008. *MEC desativa pólos de ensino a distância*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=com_content&task=view&id=11664&interna=6>. Acesso em: 5 jan. 2009.
- BIHR, A. *Da grande noite a alternativa: o movimento operário europeu em crise*. São Paulo: Boitempo, 1998.
- BRAVERMAN, H. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.
- CORIAT, B. O. Taylorismo e a expropriação do saber operário. In: PIMENTEL, D. et. al. (Org.). *Sociologia do trabalho: organização do trabalho industrial: antologia*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1976. p. 78-109.
- FREYSSINET, M. A divisão capitalista do trabalho. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 74-82. 1989.
- GENTILI, P. & SILVA, T. T. (Org.). *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HARVEY, D. *Novo imperialismo*. São. Paulo: Loyola, 2005.
- MARX, Karl. *Capítulo IV Inédito de O Capital*. São Paulo: Moraes, 1966.
- _____. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- _____. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Economistas).
- SILVER, B. J. *Forças do trabalho: movimentos de trabalhadores e globalização desde 1870*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- WOLFF, S. *Informatização do trabalho e reificação: uma análise à luz dos programas de qualidade total*. Campinas: Ed. da Unicamp; Londrina: EDUEL, 2005.
- _____. *O espectro da reificação em uma empresa de telecomunicações: o processo de trabalho sob os novos parâmetros gerenciais e tecnológicos*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2004.